

ESPECIAL

100 ANOS DE PAULO FREIRE:
PEDAGOGO E PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A *AYVU* SE SOMA ÀS COMEMORAÇÕES DESTA ANO COMO PARTE DA REAFIRMAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DESTA PENSADOR NO ENFRENTAMENTO À BARBÁRIE E NA SUSTENTAÇÃO DA BONITEZA DA VIDA. TRAZEMOS ESTE ENSAIO COMO UM CONVITE À LEITURA, GENTILMENTE OFERTADO PELA AUTORA.

VISLUMBRES ATRAVÉS DA JANELA

*Nathercia Lacerda*¹

Cachos de flores brancas, como em um buquê, brotam na casa em frente à minha janela. Um beija-flor se alimenta do néctar em voejos bailarinos. Singela imagem em um mundo de famintos. Pergunto-me: até quando durarão as flores e os pássaros e as gentes? Respondo: até quando tivermos força de luta. O cruel há de ser extirpado e não aquietado no submundo. Enquanto penso, o beija-flor já se foi e um sabiá pousa no beiral do telhado logo acima da janela de onde observo a paisagem ao meu redor. Concentro-me no seu canto melodioso. Tucanos atravessam o céu entre árvores frondosas. Na vivência desse enlevo, mergulho no imaginário e sinto uma dormência na base das escápulas. Movo meus ombros com lentidão na intenção de minimizar o incômodo inventado. Alegro-me com a ideia desse repentino acontecimento. Observo-me com desejos inusitados de alturas. Eu que sou terra, de pés descalços a experimentar as asperezas dos solos. Fecho os olhos. A dormência se espalha e sinto minha pele a se esgarçar como se um grão pressionasse o tecido cutâneo para que ele se rompa. E o inusitado acontece no brotar de asas. Eu, passarinha! Nesse constatar do extraordinário maravilhoso, um bando de variados seres alados surge em revoada e alarido. Cercam-me como um convite para a experimentação de voo.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com especialização em Arte Educação pelo Atelier de Artes Plásticas Hélio Rodrigues. É membro do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-Rio). Autora do livro: “A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha (2016). Email: nathlacerda@terra.com.br

Como em um corte de cena, já em alturas, entre flocos brancos de nuvens, rumamos para o quintal da minha infância para que eu o revise em asas. Avisto a torre do castelo de pedra que ladeia o singelo prédio vivenciado como casa pelo transitar das crianças. Vou descendo lentamente. Aterrizo na mangueira frondosa repleta de frutos maduros. Ainda como um ser coberto de penas, bico as frutas para sentir a doçura viva do paladar da infância. Despeço-me de meus amigos alados e... Sou a menina Nathercinha. Ouço o vozerio da família e a brincadeira no jardim. Junto-me aos da minha idade. Brinco me lembrando das travessuras ingênuas. Paro para um breve repouso e aguço minha audição. Os adultos conversam baixo, existe preocupação em suas vozes. Caminho para olhar seus rostos e os vejo tristes e apreensivos. Rememoro, como uma névoa que encobre a nitidez, da moça que esteve por uns dias na casa de meus avós. É sobre ela que conversam: “Foi encontrada em um carro na estrada. Junto com ela, um rapaz”. Estavam mortos. Interrogações. Não só sobre esse “estranho acidente” falavam. Preocupavam-se com Paulo e Elza. Em especial com Paulo. Paulo Reglus Neves Freire, sobrinho de meu avô, primo-irmão de minha mãe. Meu primo pela árvore genealógica, meu tio por ter a idade dos adultos. Tão menina ainda, não sabia das questões turbulentas e assombrosas que assolavam o Brasil. Tempos de escuridão. Não saberia, claro, que esse tio-primo, naquele momento exilado no Chile com a família, viria a ser um grande Educador, uma referência para estudiosos, um pensador instigante que segue vivo na luta pelo fraterno, onde cada pessoa tenha garantido seu espaço de fala, seu lugar de ação e decisão na construção coletiva de nações solidárias. Que em sua última entrevista, antes de partir para o etéreo, deixa como registro que gostaria de ser lembrado como um homem que amou profundamente a natureza, os bichos, as gentes.

Mas a menina... Para além dos silêncios não compreendidos, ela queria perguntar sobre as montanhas sempre nevadas do Chile. Sobre os jardins na exuberância da primavera; sobre as folhas a formar um tapete dourado no chão do outono. Por isso, a menina decidiu escrever a primeira carta de sua vida. Para Paulo. E ele escreveu para a pequena prima, respondendo às suas curiosidades. Com carinho, foi também cuidando de lhe mostrar o mundo para além da casa dos avós, para além do portão que leva à rua. Em uma das cartas ele lhe escreve:

(...) Hoje é sábado. Um dia lindo de primavera. Um céu azul. Tudo claro, com um sol mansinho, que quase deixa a gente olhar pra êle. A cidade está ficando cheia de flores,

de tôdas as cores. O jardim de nossa casa azul está com a grama toda verdinha. As roseiras começam a abrir suas rosas. A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são tôdas as que podem rir. (...)

21 – 10 - 67

Um vento leve acorda a mulher de agora que revive lembranças diante da janela. Um sol ameno a aquecer a manhã. A aquecer o coração que recorda. E, com um sorriso, constata, mais uma vez, que a menina soube ler as entrelinhas das cartas recebidas e que seguiu pela vida indagando. A profissional de hoje bebe na fonte de sua meninice nas pistas deixadas por Paulo no conteúdo das cartas. Segue em seu ofício a dedicar-se ao seu compromisso com as infâncias do mundo.

As cartas escritas por Paulo foram publicadas em 2016 no livro “A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha” pela Editora ZIT do Grupo Editorial ZIT. O livro, escrito por Nathercia Lacerda, conta com a participação das pesquisadoras Cristina Lacleite Porto e Denise Sampaio Gusmão, de Madalena Freire, da Gerente Editorial Laura Van Boekel e da ilustradora e artista gráfica Bruna Assis Brasil. Selo Distinção Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio 2016; Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2017; Catálogo de Bolonha FNLIJ 2017; Indicação ODS ONU Agenda 2030.